

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ará.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Mauricio Dinepi

CORREIO BRAZILIENSE

Novos trunfos

01 FEV 1992

Uma mudança radical nos rumos da economia brasileira é a hipótese mais aceitável para o futuro imediato, uma vez alcançado prudente acordo com o Fundo Monetário Internacional à base de metas rígidas de curto, médio e longo prazos. A restauração da credibilidade do Brasil, presunção autorizada pelo ajuste agora celebrado, deverá desdobrar-se em efeitos práticos, no tocante à dinamização das relações multilaterais de cooperação e de intercâmbio.

Esse é o pano de fundo que se estende por trás da decisão do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, de entreter imediatas conversações com os credores europeus. De fato, já na próxima terça-feira, Marcílio reúne-se com o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, para pactuar um programa de amortização da dívida, que se estima alcançar atualmente cifra em torno de 40 bilhões de dólares. Possui ele hoje trunfos importantes para jogar na mesa das negociações, desde o aval do FMI ao programa de estabilização da economia até os elementos potenciais que a vitalizam para um novo surto de desenvolvimento.

Aliás, convém assinalar que as perspectivas projetadas pelo ministro da Economia, no sentido de uma moderada reativação do crescimento a partir do segundo semestre do ano, sustentam-se em dados concretos da realidade atual. A quebra da força inercial da inflação, como tudo faz crer, seguramente animará os investimentos de risco, sejam procedentes das poupanças internas, sejam oriundos do exterior. A crescente participação do dólar nas operações das bolsas sinaliza no rumo de uma abertura que deverá concluir-se por consideráveis investimentos de risco, provada como está a saudável condição do mercado açãoário nacional.

A questão que se apresenta agora pe-

rante a comunidade financeira internacional passa ao largo de antigas desconfianças sobre a capacidade de o Brasil erguer-se acima da crise e normalizar o seu sistema econômico. Encerra, fundamentalmente, análise estrutural sobre o potencial de lucratividade do mercado, fator preponderante na indução dos investimentos. Ora, é nos espaços da geografia econômica brasileira que se encontra inigualável capacidade de desenvolvimento, pela abundante existência de matérias-primas, fontes de energia, razoáveis complexos industriais para o fornecimento de bens de capital e seguros contingentes de mão-de-obra barata. Tudo se combina para uma conspiração em favor de atrativas remunerações aos investimentos.

É certo que semelhantes cenários devem ser precedidos dos atos concretos de reinserção da economia no sistema internacional, a partir do cumprimento sazonal das metas estabelecidas com o Fundo. Por isso mesmo é que a peregrinação do ministro Marcílio Marques Moreira pelos mercados europeus exibe dimensão política de grande envergadura, na medida em que possa convencê-los com os trunfos agora postos em suas mãos. Para princípio de análise, é indispensável ficar bem claro que o acordo com o FMI, em última *ratio*, passa uma nota de integral confiança no potencial da economia brasileira, no particular à sua capacidade de sair da crise para o desenvolvimento.

É indispensável considerar, também, que a decisiva filiação do Brasil aos cânones da economia de mercado, cuja principal evidência é a progressiva retirada do Estado dos domínios da iniciativa particular, se constitui em outro elemento de sedução ao aprofundamento do intercâmbio, da livre circulação dos investimentos e da ampla liberdade deferida à exploração das riquezas econômicas.